

# *Os Nomes dos Bairros Criados em Dourados (MS) entre 2008-2018*

Maria do Carmo Nunes de **LIMA\***  
Marilze **TAVARES\*\***

\* Licenciatura (2020) em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Contato: limamarialima77@gmail.com.

\*\* Doutorado (2015) em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Contato: marilzetavares@ufgd.edu.br.

## **Resumo:**

A Onomástica é a parte da Lexicologia responsável pelo estudo dos nomes próprios, que podem ser relativos a pessoas, a astros, a lugares, entre outros referentes. Nesta pesquisa, investigamos um conjunto de nomes de lugares, aos quais chamamos topônimos, objetos de estudo de uma das subdivisões da Onomástica, a Toponímia. A investigação proposta tem como objetivo principal realizar um estudo dos nomes dos bairros criados e aprovados na cidade de Dourados no período de 2008 a 2018, destacando tendências no que se refere à motivação semântica, à origem linguística e à estrutura formal dos nomes. Além disso, procedemos a uma comparação entre os topônimos dos novos bairros e os dos primeiros bairros da cidade. Os dados foram coletados junto aos órgãos responsáveis pelo planejamento urbano, na Prefeitura de Dourados, e analisados à luz das teorias que discutem a relação entre língua e fatores externos, léxico, e, mais especificamente, toponímia (SAPIR, 1969; DICK, 1990a, 1990b, entre outros). Entre os resultados obtidos, comparando os nomes mais novos com os mais antigos, podemos afirmar que as tendências, no que se refere à motivação, apresentam algumas distinções, mas, em geral, são muito semelhantes.

## **Palavras-chave:**

Léxico. Toponímia. Bairros de Dourados-MS.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 23, n. 3, p. 44-59, dez. 2020*

*Recebido em: 03/04/2020*

*Aceito em: 27/09/2020*

# Os Nomes dos Bairros Criados em Dourados (MS) entre 2008-2018

Maria do Carmo Nunes de Lima; Marilze Tavares

## INTRODUÇÃO

A nomeação de tudo o que conhecemos é um processo que faz parte da nossa experiência como seres humanos e constitui-se como uma estratégia intelectual de organização, socialização e posse da realidade. Trata-se de uma atividade existente desde os princípios históricos da civilização.

Nesse sentido, a mais célebre toponimista brasileira, Maria Vicentina de Paula Amaral Dick, menciona, por exemplo, que “obras antigas da história e da civilização mundiais colocam essa prática como costumeira, ainda que distinta, em certos pontos, do processo denominativo vivido modernamente” (1990b, p. 5). A autora lembra, ainda, referindo-se à antiguidade do ato de nomear, que “o livro sagrado dos cristãos reflete uma coletânea singular de nomes, topônimos e antropônimos dos mais antigos noticiados, segundo a cosmovisão dos primitivos Hebreus” (p. 5).

Para nomear, utilizamos itens léxicos que se inserem na categoria dos nomes comuns, entendendo-os como aqueles que não especificam os referentes (mulher, estado, cidade...) ou na categoria dos nomes próprios, aqueles com os quais especificamos ou distinguimos os referentes (Maria, Rio de Janeiro, Londrina...). Assim, o estudo apresentado neste texto volta-se para um grupo de nomes próprios que compõem o escopo de uma ciência denominada Onomástica. E, por se tratarem de nomes de lugares, constituem-se, mais especificamente, como objeto de estudo da Toponímia<sup>1</sup>, uma das divisões da Onomástica.

Neste artigo, apresentamos resultados de uma pesquisa que teve como foco um recorte da toponímia urbana do município de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul (MS): as designações de bairros criados entre 2008 e 2018. Os objetivos do estudo foram: a) verificar intenções e ideologias na escolha dos nomes; b) demonstrar as características dos topônimos no que se refere aos aspectos motivacionais, à origem linguística e à estrutura formal; e c) comparar os nomes dos bairros novos com os nomes dos bairros mais antigos da cidade – isto é, aqueles nomes que já existiam nas primeiras décadas após a emancipação do município, em 1935 –, verificando se houve alteração em relação às escolhas que se faziam no passado e as escolhas que se fazem atualmente, ao menos no que se refere à motivação.

Como na maioria das pesquisas toponímicas já realizadas, no Brasil ou no exterior, partimos do pressuposto de que, estudando toponímia, podemos evidenciar aspectos da relação entre língua e fatores extralinguísticos – físicos ou sociais, nos termos de Sapir (1969, p. 44-45). De acordo com esse linguista, por fatores físicos podemos entender a topografia, o clima, a fauna, a flora, os recursos minerais; já os fatores sociais constituem-se pela religião, pelos padrões éticos, pelas formas de organização política e pela arte.

Se, como Sapir, concordamos que “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (p. 45) e, se concordamos também que os topônimos são itens do léxico das línguas, podemos, então, verificar neles muitas características do ambiente em que estão inseridos.

<sup>1</sup> É útil esclarecer que utilizaremos “toponímia”, como inicial minúscula, quando estivermos nos referindo a um conjunto de topônimos (ex.: a toponímia de determinado município...) e “Toponímia”, com inicial maiúscula, como área ou subdivisão da Onomástica que se ocupa do estudo dos topônimos (ex.: A Toponímia, como disciplina organizada, surgiu na França).

No caso de toponímia urbana, especialmente por ter como prática, com frequência, render homenagens, entendemos que os fatores antropoculturais estejam mais notadamente refletidos nesse tipo de designações geográficas.

## TOPONÍMIA: BREVES QUESTÕES TEÓRICAS

Consideramos que uma das funções principais da toponímia é a de distinção ou especificação dos acidentes geográficos em relação a outros. Por isso, retomamos as palavras do venezuelano Salazar-Quijada (1985), que explica o surgimento da toponímia da seguinte forma:

Para indicar algo que vemos a quem está conosco, basta mostrá-lo com o dedo. Mas se desejamos nos referir a algo que está longe ou que vimos em outra ocasião, temos que nomeá-lo. Pode ser com um termo genérico: o rio, a montanha... Mas se os rios e as montanhas que conhecemos são diversos, precisamos distingui-los, ou seja, dar-lhes um nome próprio (p. 8).<sup>2,3</sup>

Nesse trecho, o pesquisador lembra que, se precisamos nos referir aos acidentes geográficos e não há a possibilidade de apontá-los com o dedo porque estão distantes de nós, teremos que recorrer aos nomes próprios. Dick (1990a) também menciona essa função dos topônimos:

Exercendo na toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo de modo plausível, a referência da entidade por eles designada (p. 21-22).

A partir das palavras da autora, compreendemos, portanto, que os topônimos, assim como os antropotopônimos, distinguem e fazem, de modo adequado, a referência no processo de comunicação.

No estudo dos topônimos, inicialmente, os pesquisadores pautaram-se na busca de sua forma antiga, sua etimologia ou significados originais. Há muito tempo, entretanto, já se entendeu o quanto um estudo toponímico pode envolver fatores diversos e contribuir significativamente para o conhecimento da realidade em que os grupos humanos se organizam ou se organizaram em épocas passadas. Ou seja, além da função de especificar os referentes, os designativos podem ajudar a conhecer e a entender a realidade e também aqueles que atribuem os nomes. Nesse sentido, mencionamos as palavras de um dos precursores desse tipo de estudo:

Esta ciência constitui antes de tudo um capítulo precioso da psicologia social. Ao nos ensinar como designamos, de acordo com os tempos e ambientes, cidades e vila, campos, ruas e montanhas, nos faz entender melhor a alma popular, suas tendências místicas ou realísticas, seus meios de expressão<sup>4</sup> (DAUZAT, 1946, p. 9).

Nesse trecho, o pesquisador francês – que, em 1938, organizou o *I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia*, com participação de 21 países –, menciona a relação da toponímia com a “alma popular”,

---

<sup>2</sup> Todas as traduções são nossas.

<sup>3</sup> *Para indicar que vemos a quien está con nosotros, basta señalarlo con el dedo. Pero si deseamos referirnos a algo que está lejos o que vimos en otra ocasión, lo hemos de denominar. Pueda que baste con el término genérico: el río, la montaña... Pero si los ríos e las montañas que conocemos son diversos, precisa distinguirlos; o sea, darles un nombre propio*

<sup>4</sup> *Cette Science constitue d'abord un chapitre précieux de psychologie sociale. En nous enseignant comment on a désigné, suivant les époques et les milieux, les villes et villages, les domaines et les champs, les rivières et les montagnes, elle nous fait mieux comprendre l'âme populaire, ses tendances mystiques ou réalistes, ses moyens d'expression*

considerando, inclusive, a Toponímia como um capítulo da Psicologia Social. Isso já demonstra o quanto, na visão do pesquisador, já estava ampliado o alcance dos estudos toponímicos.

Salazar-Quijada (1985, p. 17), valendo-se das palavras de Anaya Monroy (1965, p. 11), também menciona o caráter amplo dos estudos toponímicos, alertando que a investigação toponímica “não deve ser mais fundamentalmente etimológica, mas também relacionada à história e à cultura do lugar em questão”.<sup>5</sup>

Completando o raciocínio desses pesquisadores estrangeiros, voltamo-nos mais uma vez a Dick (1990a), que afirma:

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (p. 19-22).

Admitindo, então, que os estudos toponímicos podem dar conta de muitas questões a eles subjacentes, com frequência é necessário recorrer a outras áreas do saber, como à História, à Geografia, à Antropologia, à Psicologia, por exemplo. Isso porque é necessário que se tenha, para um estudo mais completo, dados e informações sobre o local e também sobre a mentalidade do denominador – aquele que atribui os nomes aos acidentes geográficos. É nesse sentido que compreendemos as palavras de Dick (1990a), para quem a toponímia é “um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (p. 35-36). Convém registrar, ainda, que entendemos que a compreensão mais ampla dos topônimos requer, muitas vezes, o auxílio de outras áreas, mas também com elas contribui com dados e informações que o pesquisador de toponímia obtém.

As referências teóricas aqui citadas e aquelas às quais tivemos acesso sempre mencionam, em geral, exemplos de topônimos que são nomes de rios, de morros, de montanhas, de cidade, de países. São poucas, porém, as relativas à toponímia urbana, que podem ser consideradas a microtoponímia em relação ao município em que se inserem. Dentre essas poucas está a obra *A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo 1554-1897*, de Dick (1996).

Nesse livro a autora apresenta estudo sobre o nome da vila, da ponte, do beco, da rua; mas se trata, antes, de um trabalho histórico aplicado à cidade de São Paulo, tomando como fio condutor os topônimos urbanos. Vale a pena comentar que, no lugar das 27 categorias propostas anteriormente por ela para a classificação da motivação dos topônimos, no capítulo “O Nome da Rua” são mencionadas apenas 9 categorias, chamadas de “referenciais toponímicos”. Esses referenciais, no nosso entendimento, funcionariam como categorias mais amplas. Por exemplo, no “referencial hiero-hagiotopônimo”, entrariam todos os topônimos que fazem referência à questão da religiosidade; já no “referencial histórico-sociotopônimo”, estariam todos os nomes que, no modelo mais amplo de classificação, seriam incluídos em duas ou mais categorias.

De qualquer forma, a obra não traz orientações teóricas específicas para esse tipo de nome. Entendemos, entretanto, que apesar de os topônimos de acidentes humanos da área urbana, sobretudo nomes de bairros, apresentarem características distintas em relação à toponímia de acidentes físicos, da área rural, por exemplo, os princípios e os pressupostos gerais funcionam suficientemente para os estudos dos designativos dos dois universos.

Apesar disso, convém lembrar que Olga Mori (2014), em estudo sobre a toponímia urbana de Buenos Aires (Argentina), refere-se aos topônimos da área urbana como *odónimos* (hodônimos, em português) e apresenta a seguinte reflexão:

---

<sup>5</sup> *no debe ser ya fundamentalmente etimológica, sino relacionada además con la historia y la cultura del lugar de que se trate*

Hodônimos constituem um tipo especial de topônimos porque designam outros tipos de referentes. Löffler (1999:21) diferencia entre nomes de lugares usados para designar lugares habitados (Oikonyme) e aqueles que nomeiam lugares desabitados (An-Oikonyme). De acordo com essa classificação, por ‘hodônimos’ entende-se a designação oficial de ruas e praças, do sistema de rotas de comunicação dentro de uma comunidade<sup>6</sup> (MORI, 2014, p. 1315).

Segundo a autora, no grupo das designações de lugares habitados também se incluem os nomes de bairros e de outros elementos urbanos. Essa distinção parece útil porque a motivação pela qual se seleciona um topônimo já existente para transformá-lo em um hodônimo seria distinta da que levou à criação do topônimo. Mori lembra que, com um hodônimo, a intenção é recordar, homenagear, prestar honras a outra cidade irmã, a outro lugar importante, a uma batalha vitoriosa, a um herói (p. 1316).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Acreditamos que as reflexões de Mori (2014) são relevantes no trato da toponímia urbana e que merecem ser estudadas e consideradas. Esclarecemos, no entanto, que no âmbito dos projetos mais amplos a que este estudo se filia,<sup>7</sup> temos utilizado o termo “topônimo” independentemente de se referirem a lugares habitados ou não, seja da área rural, seja da área urbana. Trata-se de uma uniformização da metodologia, mais exatamente da terminologia empregada.

No que se refere à coleta dos dados, em geral, nas pesquisas toponímicas, a fonte principal são os mapas ou cartas topográficas. Para este estudo, no entanto, não tivemos acesso a essas fontes com a atualização necessária relativa aos nomes dos novos bairros. Por essa razão, consultamos o Setor de Geoprocessamento da Prefeitura Municipal de Dourados, que nos forneceu uma lista com os nomes, a data da criação e da aprovação dos bairros. A partir daí, selecionamos os nomes conforme o recorte temporal estabelecido pela pesquisa, e a coleta resultou em 84 topônimos.

Já para a obtenção dos topônimos de bairros antigos, recorreremos a um mapa da área urbana de Dourados do ano de 1978, disponibilizado pelo Centro de Documentação da Universidade Federal da Grande Dourados. O critério para o recorte temporal relativo aos nomes mais antigos levou em conta a disponibilidade do material para a consulta e a quantidade de dados que, a nosso ver, deveria ser, ao menos, próxima da quantidade que já havíamos coletado em relação aos bairros novos. Desse mapa “antigo”, extraímos 68 topônimos relativos a bairros antigos.

Depois de coletados, os dados foram organizados em quadros e analisados, preliminarmente, levando-se em conta fatores linguísticos (língua de origem, etimologia, estrutura) e fatores extralinguísticos (principalmente relativos à motivação semântica do nome), que pode envolver questões físico-naturais, históricas e culturais a que tanto nos referimos em relação às pesquisas toponímicas. Já os nomes relativos aos bairros antigos foram analisados apenas do ponto de vista da motivação, por entendermos que essa informação seria suficiente para dar conta dos objetivos propostos.

Reiteramos que o referencial teórico utilizado foi, especialmente, o de Dick (1990a, 1990b), que tem sido entendido como o mais adequado para o estudo da toponímia brasileira. A pesquisadora organiza uma proposta de classificação da motivação dos topônimos levando em conta fatores culturais, religiosos, biológicos, psíquicos, físicos, entre outros. O modelo proposto<sup>8</sup> é dividido em 27 categorias, sendo 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural.

<sup>6</sup> *Los odónimos constituyen un tipo especial dentro de los topónimos porque designan otro tipo de referentes. Löffler (1999: 21) diferencia entre los topónimos empleados para designar lugares habitados (Oikonyme) y aquellos que nombran sitios deshabitados (An-Oikonyme). Según esta clasificación, por ‘odónimo’ se entiende la designación oficial de calles y plazas, del sistema de vías de comunicación dentro de una comunidad*

<sup>7</sup> ATEMS – *Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul*, e DTMS – *Dicionário de Topônimos do Estado de Mato Grosso do Sul*.

<sup>8</sup> Para conhecer o modelo completo, consultar Dick (1990b, p. 23-34).

Além da motivação, que está relacionada aos fatores externos, os dados foram analisados no que se refere à forma, isto é, a partir de sua estrutura. Para isso, também consideramos a proposta de Dick (1990b, p. 13-14) e procuramos incluir os nomes nas categorias “simples”, “composta” ou “híbrida”. Assim, a formação do topônimo, ou elemento específico simples, é aquele que se faz definir por um só formante, podendo se apresentar também acompanhado de sufixações; já os topônimos compostos, ou elementos específicos compostos, apresentam-se com mais de um elemento formador; e temos, ainda, os nomes que são híbridos, ou seja, formados por vocábulos de línguas diferentes. Neste estudo, o hibridismo aparece em topônimos compostos.

Além da motivação e da estrutura formal, outro item relevante para o estudo de um conjunto de topônimos é a língua de origem. Vale lembrar que os primeiros estudos sobre toponímia brasileira procuravam dar conta, sobretudo, dos topônimos indígenas, em razão do fato de serem povos indígenas os primeiros habitantes das terras que hoje conhecemos como Brasil.<sup>9</sup> Apenas mais tarde designativos de origem portuguesa, africana e outras origens estrangeiras tornaram-se objeto de estudo. Nesta pesquisa, a língua dos topônimos também foi considerada.

Conforme já mencionado, o universo pesquisado foi a área urbana de Dourados, Mato Grosso do Sul. O município foi criado no ano de 1935 a partir de uma área desmembrada do município de Ponta Porã. Atualmente, sua população é de mais de 220 mil habitantes, conforme estimativas feitas em 2019 pelo IBGE.<sup>10</sup> Dourados abriga uma das maiores populações indígena do Brasil, de três etnias: Guarani, Kaiowá e Terena.

Está localizado ao sul do Mato Grosso do Sul (Região Centro-Oeste do Brasil). Pertence à Mesorregião Sudoeste, à Microrregião de Dourados e fica a 220 quilômetros da capital, Campo Grande, e a 120 quilômetros da fronteira com o Paraguai.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS TOPÔNIMOS

Entendemos o conceito de bairro em seu sentido mais usual: uma subdivisão de uma cidade ou município que, em geral, constitui-se como a unidade mínima de urbanização e tem função de facilitar a localização, os endereçamentos. Essas localidades, conforme os objetivos e conveniências de certos grupos – públicos ou privados – que detêm a posse da terra a ser subdividida, podem receber, antes do nome mais específico, vocábulos como “conjunto”, “jardim”, “parque”, “residencial”, “vila”. Ou ocorre, ainda, de o vocábulo “bairro” ficar apenas subentendido (sem aparecer no sintagma toponímico).

Essa questão, como veremos mais adiante, torna complexa a classificação objetiva da motivação dos nomes, uma vez que, de acordo com o modelo adotado, o significado desses vocábulos iniciais – se, de fato, fazem parte do elemento específico do sintagma toponímico – devem ser considerados.

Conforme informado, este estudo analisa 84 designativos de bairros “novos” da cidade de Dourados-MS (aprovados entre os anos de 2008 e 2018) e 68 nomes de bairros antigos (até 1978). O primeiro conjunto de nomes está apresentado no Quadro 1.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, Sampaio (1987).

<sup>10</sup> conforme estimativas feitas em 2019 pelo IBGE.

<sup>11</sup> O Quadro 2, referente aos nomes de bairros até 1978, está mais à frente, quando falamos especificamente destes topônimos.

**Quadro 1 – Topônimos relativos aos bairros novos (2008-2018)**

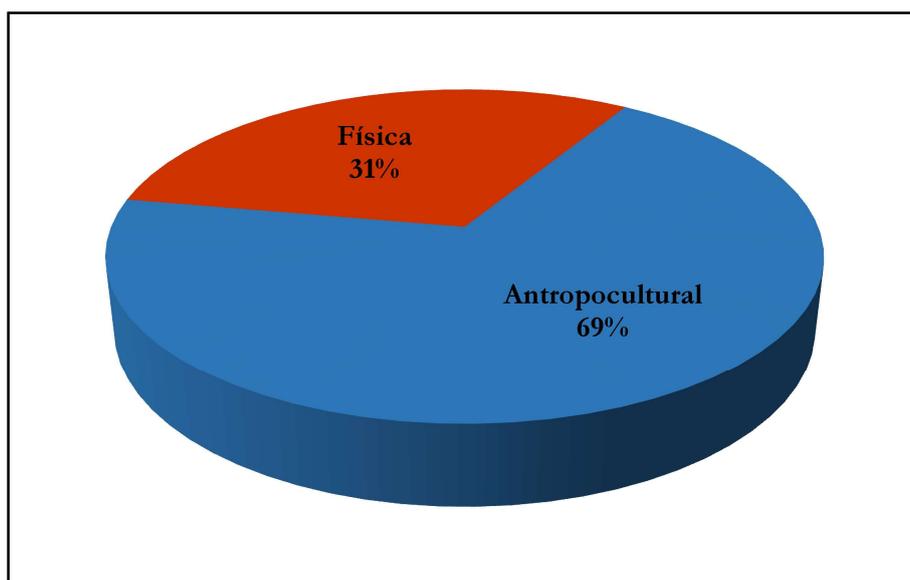
Topônimos		
Alphaville	Ildefonso Pedroso	Residencial Greenville
Alto da Boa Vista	Ipitan I	Residencial Guassu
Antônio Guilherme	Ipitan II	Residencial Itaverá
Bonanza	Jardim das Palmeiras	Residencial João Antônio Luiz Braga
Bourbon Premium Residence Spa Resort	Jardim Ibirapuera	Residencial Oshiro
Brasil 500	Jardim Inglaterra	Residencial Parizotto
Campo Belo III	Jardim Itamaracá	Residencial Roma I
Chácara Castelo I	Jardim Morada do Sol	Residencial Roma II
Cidade Jardim IV	Jardim Porto Belo	Residencial Roma III
Conjunto Residencial Nilson Arthur Gomes do Nascimento	Jardim Shekiná	Residencial Santa Fé
Cristhais I	Jatey Residencial	Residencial Solares
Cristhais II	João Carneiro Alves I	Residencial Barcelona I
Deltapark	João Carneiro Alves II	Residencial Cidade Jardim II
Deoclecio Artuzi I	Monte São I	Residencial Greenville II
Deoclecio Artuzi II	Novo Parque Alvorada	Residencial Itacolomi
Dubai I	Parque Industrial Londrina	Residencial Itaoça
Dubai II	Parque Rincão 1	Santa Felicidade
Dubai III	Parque Rincão II	Terra Dourada
Ecoville	Porto Madero	Terra Dourada IV
Estrela do Leste	Porto Royale Residence & Resort	Terra Dourada V
Estrela Porã	Porto Seguro	Vila Popular
Estrela Tovy	Residencial Antônio João	Vila Roma II
Flor de Lis	Residencial Barcelona II	Vila Rubi
Flor de Maio	Residencial Cidade Jardim I	Vila Toscana
Flor de Maio II	Residencial Dourados I	Vila Toscana II
Green Park Residence	Residencial Esplanada	Vival Castelo
Harrison de Figueiredo I	Residencial Eucalipto	Vival dos Ipês III
Harrison de Figueiredo II	Residencial Golden Park	Walter Brandão da Silva

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, com dados do Setor de Geoprocessamento da Prefeitura Municipal de Dourados-MS.

Esses nomes foram analisados, inicialmente, do ponto de vista de sua motivação, a partir das duas divisões maiores do modelo taxionômico mencionado. Constatamos, assim, que 69% dos designativos são inspirados por elementos de natureza antropocultural, ou seja, são designativos que remetem a pontos de encontro, a nomes próprios de pessoas, de cidades e de países, nomes relacionados à vida psíquica etc. Os outros 31% são topônimos motivados pela natureza física como a vegetação, os aspectos do solo, os astros etc.

Percebemos, então, uma tendência de maior recorrência de aspectos antropoculturais na toponímia de acidentes humanos da área urbana. Esse resultado é distinto do que temos observado na toponímia de acidentes físicos nas áreas rurais, onde aspectos de natureza física são mais recorrentes nos designativos geográficos, ou seja, a flora, a fauna e os recursos hídricos têm se destacado como motivação desses topônimos.

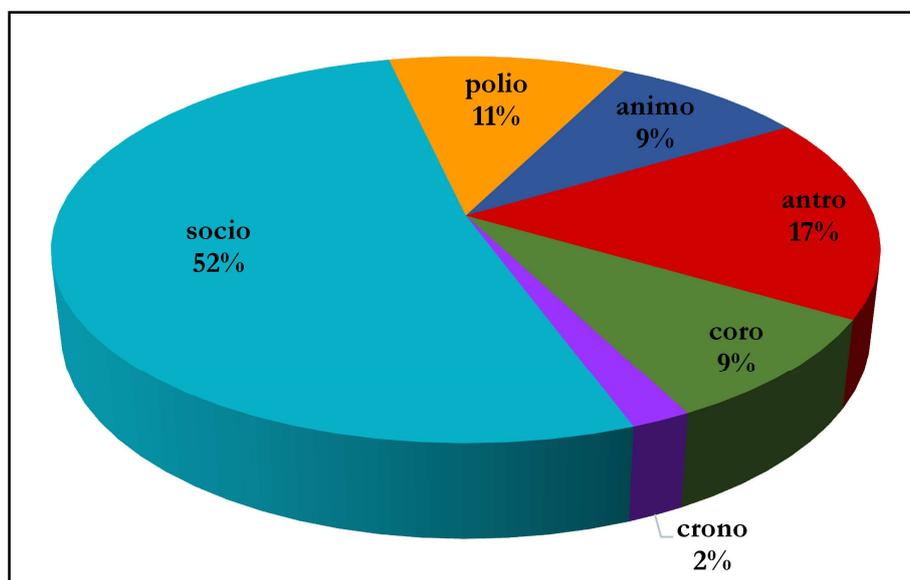
Tomando apenas essas duas grandes divisões (aspectos antropoculturais e aspectos físicos), no Gráfico 1, a seguir, demonstramos a proporção dos nomes dos bairros novos, quanto à natureza dos topônimos.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Gráfico 1** – Natureza dos Topônimos

Cada uma dessas categorias, no entanto, subdivide-se em várias taxionomias por meio das quais podemos entender os aspectos motivacionais dos topônimos de forma mais detalhada. Assim, como subdivisões da categoria de natureza antropocultural, temos, conforme já vimos, onze taxionomias, cuja proporção, neste estudo, está demonstrada no Gráfico 2.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Gráfico 2** – Categorias de natureza antropocultural

No conjunto analisado, verificamos que há topônimos que representam seis das onze categorias, conforme exemplos: *Parque Rincão I* (*sociotopônimo* – neste caso, relativo a local de encontro de membros de uma

comunidade); *Harrison de Figueiredo* (*antropotopônimo* – relativo a nome próprio individual); *Vila Rubi* (*poliotopônimo* – neste caso, constituído pelo vocábulo “vila”); *Dubai I* (*corotopônimo* – neste caso, relativo a nome de cidade); *Novo Parque Alvorada* (*cronotopônimo* – neste caso, constituído pelo adjetivo “novo”); *Vival Castelo* (*animotopônimo* – relativo à vida psíquica).

Nesses exemplos citados, observamos o uso dos vocábulos “parque” e “vila” como componente do elemento específico, ou seja, do nome próprio. Conforme mencionamos, esses formantes são muito comuns na composição dos nomes de bairros e, ao considerá-los do ponto de vista da motivação, podemos deixar em segundo plano o motivo principal da escolha dos nomes. Nesse sentido, Ribeiro (2015), em trabalho sobre a topônimo urbana de Campo Grande (MS), faz a seguinte opção:

ao analisar, segundo o modelo de Dick (1990), o nome dos aglomerados urbanos, houve a necessidade de acrescentar ao elemento genérico do sintagma toponímico a categoria de ‘genérico composto’, uma vez que, dentro dos parcelamentos, há subdivisões como: vilas, jardins, conjuntos, parques, dentre outros, que também se configuram como elemento genérico, pois, para fins de planejamento urbano, são concebidos como sinônimos de bairro (p. 35).

De acordo com o raciocínio dessa pesquisadora, um topônimo como *Vila Rubi* deveria ser classificado como um *litotopônimo* (nomes de índole mineral), tendo em vista que despreziaríamos o formante “vila”, por tratar-se de vocábulo genérico – bairro vila *Rubi* – e considerariamos, para fins de classificação, o sentido de “rubi” (pedra preciosa de cor vermelha). A opção de Ribeiro nos parece plausível e justificada pelas características das subdivisões urbanas da cidade pesquisada. Para este estudo, consideraremos ainda esses vocábulos, inclusive grafados com inicial maiúscula, como parte do nome próprio.

Ainda a respeito dessa discussão, lembramos que Dick (1990b) denomina “toponimização” os casos em que o elemento genérico acaba sendo incorporado pelo elemento específico. Todos os exemplos da autora, porém, referem-se à toponímia indígena. Poderíamos, entendendo o conceito de forma bem mais abrangente, considerar que algo semelhante ocorre com esse tipo de designativos relativos aos bairros? De certa maneira, já é o que fazemos ao classificar a motivação a partir desses primeiros elementos, entendendo-os como específicos e não como genéricos.

Convém observar que a categoria dos *antropotopônimos* é a que costuma se destacar na toponímia de modo geral, quando considerados os nomes de natureza antropocultural, conforme afirma Dick (1990a, p. 285), “Dentre as taxionomias de natureza antropocultural, sobressaem-se pela expressividade das formações onomásticas, os chamados antropotopônimos, ou nomes de lugares constituídos a partir dos designativos, pessoais, seja em prenomes ou em apelidos de família, combinadamente ou não”.

Nesse recorte, porém, os nomes e sobrenomes de pessoas, em sua maioria, estão antecidos pelo vocábulo básico “residencial”, que foi considerado como formante do elemento específico, como nos exemplos *Residencial Antônio João* e *Residencial Osbiro*. Esse procedimento fez com que a categoria dos *sociotopônimos* tivesse maior destaque que a dos *antropotopônimos*.

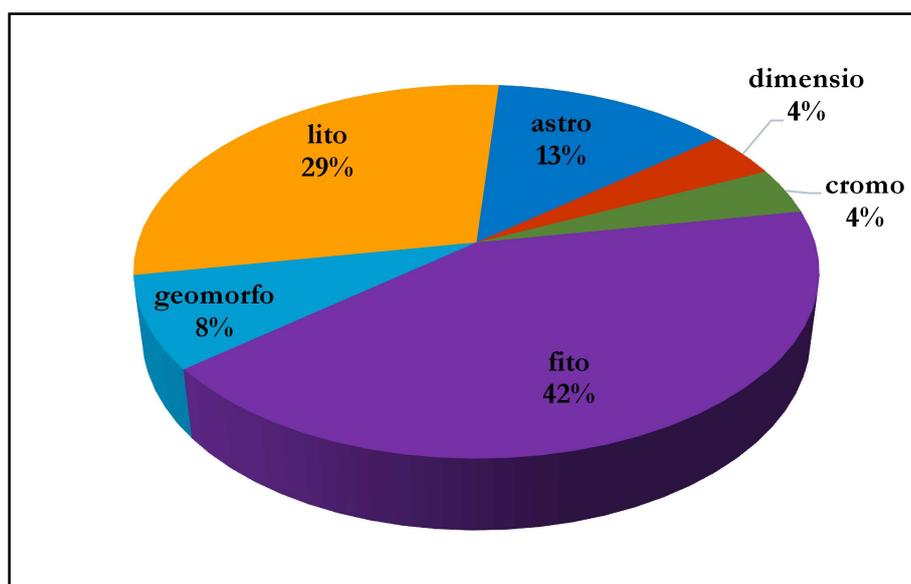
Os *corotopônimos* também costumam ser muito recorrentes nesse tipo de recorte da toponímia. Conforme Dick, eles podem remeter à saudade da terra natal do denominador. No caso dos dados desta pesquisa, além do que afirma Dick, a ideia parece ser também a de conferir ao local um caráter de sofisticação e riqueza cultural e econômica. Essa prática, isto é, nomear um espaço com o nome de outro espaço, já foi verificada e estudada por Dick (1982), que explica:

os topônimos deslocam-se [...] ou acompanhando as levas povoadoras, o que caracteriza a tão comentada ‘saudade’ da terra natal, ou separadamente do elemento humano que imigrou, impulsionado, apenas pelo próprio prestígio, como diz Backheuser, configurando, neste caso, um típico exemplo de ‘mimetismo toponímico’ (p. 95).

Os *animotopônimos* ficaram representados por designativos como *Vival Castelo* e *Vival dos Ipês*. Não localizamos nos dicionários consultados o item lexical “vival”, mas consideramos que a intenção do denominador, nesse caso, seja a de transmitir a ideia de um local agradável, de sossego, o que tem relação com aspectos do psiquismo humano.

Já os *cronotopônimos* ficaram representados pelo designativo *Novo Parque Alvorada*. A recorrência ao vocábulo “novo”, quando se deseja empregar um topônimo já existente, é uma estratégia comum, muito utilizada para nomes de municípios. No caso do topônimo mencionado, em especial, convém registrar que se trata de bairro com certo prestígio por, há muito tempo, estar servido de boa infraestrutura urbana. Dessa forma, o bairro que nasce nomeado de *Novo Parque Alvorada* parece carregar as vantagens do antigo *Parque Alvorada*.

Na sequência, passemos à análise dos topônimos cuja motivação advém da natureza física. O Gráfico 3 apresenta os percentuais de cada categoria representada no *corpus* analisado.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Gráfico 3** – Topônimos de natureza física

Inicialmente, transcrevemos exemplos de cada categoria representada no gráfico: *Flor de Maio*, *Jardim das Palmeiras* (*fitotopônimos* – nomes geográficos de índole vegetal); *Itacolomi*, *Terra Dourada* (*litotopônimo* – designativos de índole mineral); *Estrela do Leste*, *Estrela Porã* (*astrotopônimo* – topônimos relativos a corpos celestes); *Alto da Boa Vista* (*geomorfotopônimo* – topônimos relativos a formas topográficas ou características do terreno); *Green Park Residence* (*cromotopônimo* – nomes geográficos relativos à escala cromática, cores); *Guassu* (*dimensiotopônimo* – designativos que retomam características dimensionais).

Entre os topônimos motivados por elementos de natureza física, é comum o destaque para plantas, árvores, flores, que impressionam pela beleza ou utilidade. Neste estudo, essa tendência prevaleceu.

A vegetação sempre foi importante para o ser humano e, de acordo com Dick, (1990, p. 146), “a vegetação é parte integrante de um conjunto natural, em que relevo, constituição de solo, acidentes hidrográficos, regimes climáticos, compõem um verdadeiro biosistema imprescindível ao homem e à qualidade de vida que nele pretende instalar”. Em razão disso, é natural que os *fitotopônimos* se destaquem em qualquer recorte de toponímia.

É necessário registrar, no entanto, que são vários os nomes compostos pelo vocábulo “jardim”, tomado, neste estudo, com o sentido de “local em que se cultivam plantas”. Se, por outro lado, considerássemos

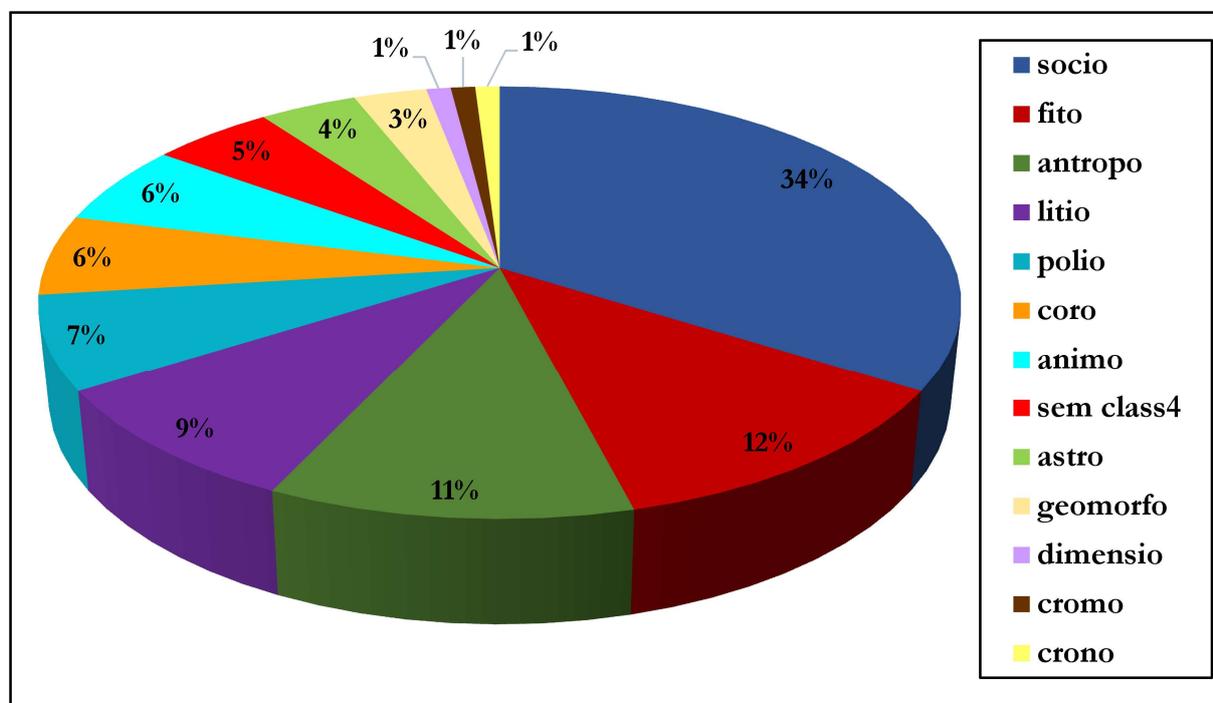
esse vocábulo como constituinte do elemento genérico<sup>12</sup> do sintagma toponímico, os resultados seriam distintos, já que podemos verificar, no Quadro 1, que são sete os topônimos composto por “jardim”.

Além da vegetação, assim como menciona Dick, o solo é parte integrante de um biosistema importante à vida humana. Então, é natural que vocábulos relativos ao solo e suas características e constituição estejam presentes na nomeação do espaço. Entre os topônimos analisados, destacamos vários que são formados por “ita” (vocábulo de origem tupi que equivale a “pedra”, em língua portuguesa).

No tocante a essa categoria de topônimos, Dick (1990b) registra: “Litotopônimos mais comuns, que envolvem elementos como barro, lama, terra ou pedra, por exemplo, aparecem na nomenclatura geográfica brasileira em proporções significativas, principalmente o último deles” (p. 173).

Como observamos, as demais categorias, *astrotopônimos*, *dimensiotopônimos*, *cromotopônimos* e *geomorfotopônimos*, foram representadas com ocorrência menos significativa.

Os três gráficos apresentados mostram resultados parciais no que se refere à motivação. Mas quais são as tendências gerais, considerando o modelo taxionômico completo, ou seja, com suas 27 categorias? Para demonstramos a resposta a essa questão, elaboramos o Gráfico 4.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Gráfico 4** – Natureza antropocultural e física

O Gráfico 4 nos permite observar que as categorias mais recorrentes, considerando o total de nomes, foram *sociotopônimos* (34%), *fitotopônimos* (12%), *antropotopônimos* (11%) *litotopônimos* (9%).

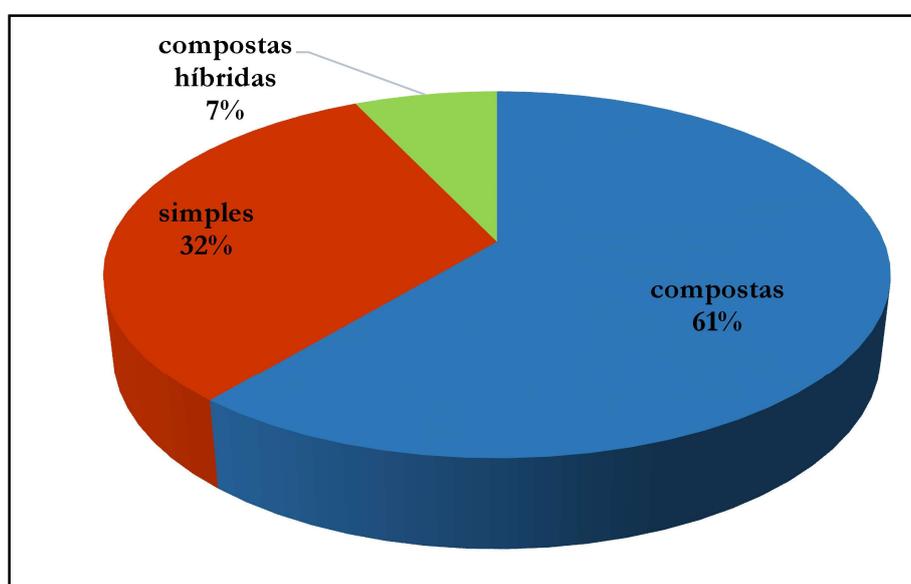
Convém destacar ainda que, no que se refere à motivação, deixamos de classificar os seguintes nomes: *Alphaville*, *Bourbon Premium R. Spa Resort*, *Deltapark* e *Ecoville*. Em estudo sobre a toponímia urbana da cidade

<sup>12</sup> O site City America registra o seguinte conceito: “Bairro-jardim é um bairro planejado segundo conceito de garden city. Geralmente são bairros nobres destinados às classes mais altas da sociedade. Apresentam praças, parques, intensa arborização em suas calçadas e traçado urbana diferenciado...”. Disponível em: <https://bit.ly/3z3pl1Y>. Acesso em: 25 mar. 2020. A definição não se aplica à realidade urbana de Dourados, uma vez que, por exemplo, os “jardins” não são apenas os bairros destinados às classes mais favorecidas. Ainda assim, achamos útil citar o trecho, pois ele registra um conceito popular muito usual para “jardim”.

de Três Lagoas, também município de Mato Grosso do Sul, Bittencourt (2015, p. 59-60) propõe classificar os designativos que recuperam nomes de letras – como “alpha” e “delta”, do alfabeto grego – com o termo *letratopônimo*. Consideramos essa uma boa proposta, mas, como adotamos apenas o modelo de Dick (1990b), preferimos deixar esse tipo de topônimo, como também outros que não puderam se encaixar no modelo adotado, “sem classificação”.

Comparando os resultados desta pesquisa com os de outras já realizadas sobre toponímia de acidentes humanos de Dourados, verificamos, por exemplo, que Tavares (2017) encontrou as seguintes categorias mais recorrentes para os nomes de ruas: *antropotopônimos*, *corotopônimos*, *fitotopônimos*, *zootopônimos* e *axiotopônimos*. Já em relação à toponímia de localidades rurais (fazenda e outros), Tavares (2015) verificou que as mais produtivas são *hierotopônimos*, *animotopônimos*, *fitotopônimos*, *antropotopônimos* e *hidrotopônimos*. Observando os resultados, constatamos que os nomes de pessoas e os nomes relativos à vegetação sobressaem nos três recortes pesquisados.

Além da motivação, outro aspecto analisado foi a estrutura dos topônimos. Assim, no Gráfico 5, podemos observar a proporção da estrutura formal dos nomes pesquisados.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Gráfico 5** – Estrutura formal dos topônimos

De acordo com o Gráfico 5, 61% são nomes compostos, como *Porto Madeiro* e *Santa Felicidade*, por exemplo. Os nomes simples, como *Bonanza* e *Parizotto*, totalizam 32%. Constatamos também 7% de topônimos compostos híbridos, como *Jardim Ibirapuera*, *Residencial Itaverá*.

É preciso registrar que a prática de utilizar, para os bairros, os nomes antecidos de “jardim”, “parque”, “residencial”, “vila” já justifica a maior ocorrência de estruturas compostas. Além disso, quando os nomes de pessoas são utilizados como topônimos para os bairros, aparecem seguidos de sobrenomes.

No que se refere às línguas observadas, naturalmente os topônimos em língua portuguesa são a maioria no *corpus*. Mas tivemos destaque também para as línguas indígenas (tupi ou guarani) e para a língua inglesa.

Como exemplos de nomes indígenas, citamos *Guassu* e *Itapitan I*. E as línguas indígenas também aparecem nos topônimos compostos híbridos, uma vez que eles são constituídos, em geral, pela língua portuguesa e por uma língua indígena, como nos exemplos já citados e também em: *Estrela Porã* e *Estrela Toy*. Já os nomes em língua inglesa podem ser ilustrados por: *Golden Park*, *Greenville* e *Green Park Residence*.

A escolha dos nomes indígenas ou compostos com elementos indígenas é uma realidade da toponímia em geral no Brasil. No caso deste estudo, justifica-se sobretudo pela significativa presença de povos indígenas no município de Dourados. Os nomes em língua inglesa parecem denotar a intenção de conferir prestígio aos locais identificados, e geralmente são empregados a loteamentos ou condomínios destinados às classes sociais de maior renda. Outras línguas, como árabe, italiano e japonês, também aparecem nos nomes de bairros, ainda que em menor proporção.

Reiteramos que a pesquisa se propôs também a comparar esse conjunto de nomes de “bairros novos” com o conjunto de nomes de “bairros antigos” da cidade, do ponto de vista da motivação. Assim, apresentamos, no Quadro 2, a segunda relação de nomes coletados.

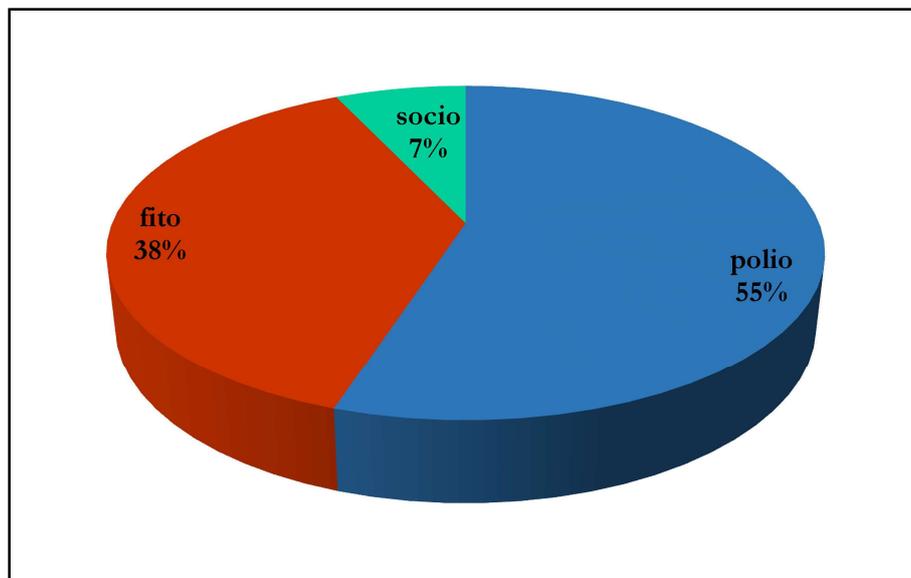
**Quadro 2** – Topônimos relativos aos bairros existentes até 1978

Topônimos		
Chácaras Caiuás	Jardim Ouro Verde	Vila Industrial
Conjunto BNH I	Jardim Paulista	Vila Lili
Conjunto BNH 2	Jardim Piratinga	Vila Martins
Jardim Água Boa	Jardim Santa Ana	Vila Mary
Jardim Bará	Jardim Veneza	Vila Matos
Jardim Brasília	Jardim Zeina	Vila Maxwel
Jardim Caramuru	Parque Nova Dourados	Vila Melo
Jardim Central	Parque Residencial Pelicano	Vila N. S. de Fatima
Jardim dos Estados	Vila Alba	Vila Planalto
Jardim Faculdade	Vila Alvorada	Vila Progresso
Jardim Flórida I	Vila Aparecida	Vila Rosa
Jardim Flórida II	Vila Aracy	Vila Rui Barbosa
Jardim Girassol	Vila Araponga	Vila Santa Catarina
Jardim Guanabara	Vila Aurora	Vila Santa Clara
Jardim Guarujá	Vila Barros	Vila Santa Maria
Jardim Itaipu	Vila Carioca	Vila Santo André
Jardim Leste	Vila Corumbá	Vila São Francisco
Jardim Maipu	Vila Cuiabá	Vila São Jorge
Jardim Marabá	Vila Eldorado	Vila Sulmat
Jardim Maracanã	Vila Esperança	Vila Tonanni I
Jardim Márcia	Vila Guarani	Vila Ubiratan
Jardim Marília	Vila Helena	Vila Vieira
Jardim Monte Líbano	Vila Índio	

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, com dados do Mapa do Município de Dourados (1978).

Desses dados, ou seja, dos 68 nomes de bairros mais antigos, verificamos que 37 têm como primeiro elemento “vila”; 26 “jardim”; 2 “parque”; 2, “conjunto”; e 1, “chácara”. Assim, constatamos que todos esses topônimos são constituídos de um vocábulo comum que passou a compor o elemento específico como topônimo propriamente dito. Essa tendência, como vimos, também está presente nos topônimos dos bairros novos, mas em menor ocorrência.

Quanto às categorias relativas à motivação, as representadas são as seguintes, por ordem de ocorrência: *poliotopônimos*, *fitotopônimos* e *sociotopônimos*, conforme o Gráfico 6.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Gráfico 6** – Taxionomias dos topônimos relativos aos bairros antigos

Chama a atenção o fato de todos os topônimos poderem ser incluídos em apenas 3 das 27 categorias do modelo de Dick (1990b). Fica evidente, ao menos nesse caso, que a utilização do modelo taxionômico de forma objetiva “apaga” o que talvez seja a motivação mais importante dos topônimos. Temos, por exemplo, *Jardim Brasília*, *Jardim Flórida*, *Vila Corumbá*, que teriam como verdadeira motivação a homenagem a outros locais e, portanto, seriam *corotopônimos* se os vocábulos “jardim” e “vila” fossem entendidos como elementos do termo genérico. Praticamente todos os topônimos do Quadro 2 poderiam ser classificados de outra forma quanto à motivação, se esses vocábulos não fossem entendidos como constituintes do nome específico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, podemos afirmar que tanto na toponímia dos bairros surgidos nas primeiras décadas, após a emancipação do município de Dourados, quanto na dos bairros criados recentemente, o caráter de homenagem, seja a pessoas importantes para a história do município seja a outros locais (cidades e países especialmente), se destaca. Quando uma comunidade decide, por exemplo, render homenagem a uma pessoa em detrimento de outras possíveis, essa ação sempre estará carregada de intencionalidades e ideologias, ou seja, é preciso decidir qual o perfil de pessoas que merecem ser homenageadas na toponímia. Da mesma forma, ao optar por uma homenagem a outras cidades, outros países ou continentes, aqueles que atribuem o nome também fazem opções, quase sempre por referências a um local de prestígio – *Barcelona*, *Dubai*, *Roma*, *Flórida* (ainda que isso nem sempre seja uma regra).

Nesse sentido, podemos confirmar que aspectos históricos e socioculturais podem ser observados também nos recortes estudados por este trabalho e, ainda, que os nomes escolhidos para especificar os acidentes geográficos dizem muito sobre aqueles que os escolhem. Além disso, convém lembrar que, conforme afirma Dick (1990a, p. 22), “se a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal”. Isso quer dizer que os topônimos que escolhemos, hoje, para nomear nossos espaços vão dar pistas às gerações futuras sobre nosso modo de viver e de pensar.

Lembramos que um dos objetivos propostos para este estudo era verificar as tendências de nomeação dos bairros. A partir disso, então, constatamos que as categorias mais produtivas no conjunto dos “bairros

novos” foram a dos *sociotopônimos*, a dos *fitotopônimos* e a dos *antropotopônimos*; já em relação aos “bairros antigos”, sobressaem os *poliotopônimos*, os *fitotopônimos* e os *sociotopônimos*. Há algumas distinções entre os dois grupos de topônimos, observadas durante o trabalho, mas, em geral, as tendências se assemelham.

Reiteramos que fica “sobre a mesa” a questão dos vocábulos que compõem os nomes de bairros e podem “apagar” a verdadeira motivação, quando adotamos um modelo mais objetivo para análise. Essa realidade é ainda mais evidente no conjunto de nomes de bairros criados até a década de 1970, em Dourados, município do estado de Mato Grosso do Sul.

No que se refere à estrutura formal dos topônimos, constatamos que a grande maioria é composta de dois ou mais elementos – por motivos já mencionados – e, temos ainda, os nomes que são compostos por elementos de línguas diferentes, com destaque para a estrutura língua tupi ou guarani + língua portuguesa. Entendemos que os topônimos indígenas são uma tímida tentativa de representar a significativa presença indígena no município, mas poderiam aparecer bem mais frequentemente nos designativos geográficos.

Ainda em relação à questão das línguas dos topônimos, reiteramos a presença de vários nomes em línguas estrangeiras, especialmente de língua inglesa, o que parece indicar a tentativa de conferir prestígio e sofisticação aos espaços geográficos.

Para finalizar, registramos que Dourados apresenta crescimento urbano e populacional acelerado. Assim, de 2008 até o momento atual, foram e estão sendo criados vários loteamentos e condomínios, que já nascem com seus nomes, que poderão ser objeto de estudo de uma nova pesquisa. Isso ajudará a revelar outros aspectos da cultura, do ambiente físico e das intenções do denominador que vive nessa cidade.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, K. P. *Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas-MS: interfaces entre léxico, cultura e história*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015.
- DAUZAT, A. *La toponymie française*. 2. ed. Paris: Payot, 1946.
- DICK, M. V. de P. A. Origens históricas da toponímia brasileira. Os topônimos transplantados. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 24, p. 76-96, 1982.
- DICK, M. V. de P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.
- DICK, M. V. de P. A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1990b.
- DICK, M. V. de P. A. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.
- MORI, O. Odónimos. El espacio mayor en el espacio menor. In: *ACTES del XXIV Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*, Annex. Secció 6, p. 1314-1325, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3ibQHgc>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- RIBEIRO, P. do N. *Religiosidade na toponímia urbana de Campo Grande/MS: entrelaçamentos históricos e linguísticos*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

- SALAZAR-QUIJADA, A. *La Toponimia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.
- SAMPAIO, T. *O Tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.
- SAPIR, E. Língua e ambiente. In: *Linguística como ciência*. Ensaios. São Paulo: Acadêmica, 1969. p. 43-62.
- TAVARES, M. A toponímia das localidades rurais do município de Dourados (MS). *Revista do GEL*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 164-191, 2015.
- TAVARES, M. Tendências da toponímia urbana do município de Dourados–MS: os nomes de ruas. *Guavira Letras*, Três Lagoas, n. 25, p. 79-95, jul./dez. 2017.